

OBITUÁRIO

Sarney, José
KYOLA FERREIRA DE ARAÚJO COSTA
 1911 - 2004

Morre a mãe do ex-presidente José Sarney

Aos 92 anos, morreu ontem, em sua casa, na Praia do Calhau, em São Luís do Maranhão, Kyola Ferreira de Araújo Costa, mãe do presidente do Senado, José Sarney, e avó da senadora Roseana Sarney (PFL-MA) e do ex-ministro e deputado Sarney Filho (PV-MA). Depois de vários dias internada no hospital de São Luís, ela pedira para voltar para casa, onde, por ordem de José Sarney, foi montado uma UTI. Na semana passada sofrera um enfarte e, dias depois, um edema pulmonar.

A morte de Kyola ocorreu no mesmo dia em que José Sarney viria ao Rio para assistir à posse de seu filho Fernando na vice-presidência da Confederação Brasileira de Futebol. O senador José Sarney, que acompanhou a mãe no hospital de internamento e ali dormira sempre ao lado dela, ontem de manhã chegou a passar mal e precisou ser medicado.

Ao saber da notícia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva telefonou para o presidente do Senado para apresentar-lhe condolências.

Pernambucana de Correntes, Kyola casou, em 1929, com o promotor público José Ribamar Araújo Costa (já morto) e teve três filhos. Além de José – o mais velho e que se tornaria presidente da República (1985-90) – teve



KYOLA (segunda da esquerda para a direita) observa, em 1985, o filho subir a rampa do Palácio do Planalto e a assumir a presidência

Conceição e Evandro. Kyola tornou-se matriarca consciente e digna de um clã que lhe enchia o peito de orgulho, em meio ao conforto e bem-estar que não lhe faltavam. Mas no princípio não foi assim. A cidadelha de Pinheiro, onde em 1930 nasceu José Sarney, não tinha ruas calçadas nem água encanada. Hoje, tem uma praça que leva o nome de

José Sarney – a placa atesta a “homenagem de Pinheiro a seu ilustre filho”, afixada quando ele era governador do Estado (1966-70) – um teatro, também chamado governador José Sarney, e uma ponte de concreto sobre o Rio Pericumá que atravessa a cidade.

Kyola estava em Brasília quando todo o Brasil aguardava a posse do presidente Tan-

credo Neves. Veio a surpresa da doença do presidente eleito e, para Kyola, a emoção de ver seu filho – que era o vice – assumir a Presidência da República, no dia 15 de março de 1985. Hospedou-se com a família no Palácio do Jaburu, para onde se transferira José Sarney. E, ali, todos os dias ia para a janela, às 8h, para ver o filho sair de acordo com o ri-



Arquivo

lo qual sempre demonstrou especial predileção, em vão pediu a ela que se mudasse de São Luís para a capital. Kyola preferia ficar em casa, na Praia do Calhau. E, embora ajudasse a fazer as campanhas eleitorais dos netos Sarney Filho e Roseana, não era pessoa de dar palpites em política e, dizem, mais de uma vez chegou a pedir ao primogênito para que deixasse a vida pública.

A relação entre mãe e o filho mais velho não ficava só em palavras cordiais. Em casa, na Praia do Calhau, ou no Palácio do Jaburu, em Brasília, Kyola abastecia a cozinha com peixes, camarões, carne seca, farinha d'água, cremes de bacuri e cupuaçu, tudo de que é farta e gostosa a cozinha maranhense.

Ao lado dos aceipes e todos os mimos culinários, Kyola sempre teve uma relação de muito respeito para com o filho José nos diversos cargos que ele ocupou na vida pública. E o filho predileto nunca deixou de mostrar para com a mãe certo espírito de sujeição. Nos telefonemas que praticamente todo dia trocavam, José Sarney sempre começava: “A bênção, mãe”.

tual próprio de um chefe de Estado. Muitas vezes até, no fim da tarde, saía para misturar-se com turistas e curiosos que queriam ver o presidente do Brasil descer a rampa do Palácio do Planalto.

Nos dias de maior festa e nos momentos mais críticos, Kyola sempre esteve em Brasília enquanto era presidente José Sarney. Mas seu filho, pe-

Por sua vez, Kyola sabia submeter-se àquele que detinha a suprema autoridade do país e respondia: “A bênção, meu filho”.